

Resumo:

A presente tese é dedicada ao estudo da arena cultural que envolve as práticas de valorização das formas do folclore e da cultura popular em uma capital do Nordeste do Brasil: São Luís do Maranhão. Para a análise dessa arena, tomou-se como referência as noções bourdieanas de “campo”, “capital”, “*habitus*” e “*illusio*”. A pesquisa evidenciou, no universo etnográfico examinado e nas suas ramificações nacionais e globais, a presença de uma forma de *illusio* específica: a crença no valor do folclore e no valor da sua valorização, da sua proteção, da sua encenação e do seu estudo. A valorização das formas folclóricas é operada independentemente da avaliação da complexidade de seus conteúdos e da avaliação das capacidades destas formas de exprimir e fazer conhecer o contexto social, político, econômico e existencial dos produtores e dos consumidores do folclore. Essa valorização é vinculada, vice-versa, ao respeito de determinadas convenções formais relacionadas as formas dos artefatos e das modalidades expressivas usadas pelos grupos folclóricos, como, por exemplo, os materiais das roupas e suas decorações, as coreografias das danças, os ritmos musicais. Esta *illusio* é sustentada tautologicamente pela afirmação, por um lado, do valor da diversidade das formas folclóricas e, por outro, pela afirmação do valor destas formas enquanto parte dessa diversidade. A partir dessa premissa, as formas folclóricas são valorizadas como emblemas de identidades e como recursos de distinção no mercado dos produtos culturais.

Traçando as várias posições do campo gerado por essa *illusio* (campo que chamamos “campo do folclore” o “campo da cultura popular”) temos observado o impor-se hegemônico dos *habitus* dos folcloristas e das lideranças dos grupos folclóricos organizados pelas classes dominantes. Tal hegemonia tende a privilegiar formas de expressão que valorizam os aspectos decorativos e espetaculares e os conteúdos mais conciliadores, em detrimento daqueles que colocam em cena, de modo direto ou metafórico e satírico, os termos reais dos conflitos que existem entre as classes sociais.

Como parte desse contexto, temos examinado a marginalização dos aspectos narrativos da manifestação folclórica do Bumba-meu-boi, manifestação que apresentava no passado a representação do conflito entre um fazendeiro e um de seus empregados (o “negro” *Chico*). Nas hodiernas exibições folclóricas dos grupos de Bumba-meu-boi de São Luís, com exceção de alguns casos, são colocadas em cena no máximo os personagens principais da narração, os quais porém, privados da atuação correspondente ao próprio papel, funcionam apenas como meras coreografias.

Nesta tese também é examinada a gênese histórica dessa *illusio*. Percorrendo a história do folclore pudemos individuar os pontos de contato das disposições dos agentes do atual campo do folclore com as fascinações antiquárias para a posse, a coleção e a classificação sistemática dos objetos do passado, e com as lógicas objetivantes das formas de patrimonialização da cultura material ativadas pelo moderno processo de formação das nações. Temos, então, podido re-interpretar a *illusio* do campo do folclore de São Luís como parte de um processo mais geral de coisificação, estetização e mercadorização da cultura. Em contraposição a essa transformação, historicamente, observamos no Brasil, a presença de outros posicionamentos sobre a cultura popular que têm considerado suas formas como recursos de conteúdos, temas e modalidades de expressão com os quais elaborar formas originais de cultura e promover formas de politização e de efetiva emancipação das massas populares.

Em fim, concluímos que as formas de valorização do folclore implementadas no Brasil a partir do final dos anos '70 (no começo da fase de abertura da ditadura militar), e as mais recentes formas de valorização dos assim ditos patrimônios imateriais desenvolveram e desenvolvem no Brasil um mecanismo ideológico unitário similar ao mito da *democracia racial* (mito da substancial ausência no Brasil de preconceitos raciais). As formas folclóricas das classes subalternas são reconhecidas e valorizadas ao nível simbólico e econômico, mas, ao mesmo tempo, são reduzidas á formas de expressão empobrecidas de conteúdos políticos não celebrativos das autoridades locais e das identidades regionais, nacionais ou étnicas.